

SATHLER, Luciano; JOSGRILBERG, Fábio; AZEVEDO, Adriana (Org.). *Educação a distância: uma trajetória colaborativa*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. 167 p.

Resenhado por Luiz Henrique Touguinha de ALMEIDA

Educação a Distância: uma trajetória colaborativa, obra organizada por Luciano Sathler, Fábio Josgrilberg e Adriana Barroso de Azevedo, analisa o tema tanto de maneira geral, como também examina a evolução dessa forma de ensino na Universidade Metodista de São Paulo. O *campus* da instituição foi criado mediante um processo colaborativo; sendo assim, todos os envolvidos no projeto sentem-se co-responsáveis por seu sucesso ou fracasso. A obra estrutura-se em introdução e oito artigos, e, à exceção de Paulo Ribeiro Salles Garcia, seus autores têm em comum os títulos de mestre e/ou doutor em educação e o exercício de atividades educativas na Universidade Metodista de São Paulo.

Os organizadores introduzem o trabalho salientando a crescente produção acadêmica sobre educação a distância - EaD - e a conseqüente influência exercida pela modalidade no sistema educacional. O avanço das tecnologias da informação e comunicação - TIC's - incentiva mudanças nas políticas públicas, das gestões escolar e universitária, no sentido de possibilitar o acesso de uma parcela maior da população ao contexto educativo, de forma mais flexível e personalizada. Além de contribuir no ensino presencial, a EaD deixa clara a necessidade de mudança. Os autores arrolam uma série de questionamentos sobre os quais alunos e professores devem se debruçar em uma reflexão aprofundada para que sejam eficientes as novas estratégias de ensino. São eles: Como atuar sem a comunicação interpessoal face a face, síncrona e no mesmo espaço? Como ser claro o suficiente nas instruções quando a escrita é o principal meio de interagir? Como saber quando os alunos estão confusos? Como fazer todos os alunos participarem? Como ser flexível e aberto às necessidades dos alunos diante da obrigação de planejar e preparar todo o curso com antecedência? Como saber se os estudantes estão realmente aprendendo? Como evitar a "praga" do plágio e do uso sem reflexão das ferramentas de busca? Como se apropriar da tendência de autoria universal, ou seja, a possibilidade de todos produzirem e divulgarem os próprios vídeos,

websites e blogs? Como incorporar as ferramentas e a lógica da *Web 2.0*, que incentiva a construção do conhecimento de forma colaborativa, dinâmica e quase anárquica? Esses questionamentos, muitas vezes, resultam na resistência às mudanças que se fazem necessárias e urgentes, pelo receio da não adaptação, pelo tempo e esforço que terão de ser despendidos em uma atualização que leve à ação competente, entre outras.

No capítulo *Fundamentos Pedagógicos em EaD: a experiência da Universidade Metodista de São Paulo*, Clóvis Pinto de Castro faz uma interessante observação quando escreve que “Com certeza, teremos ainda muitas surpresas em relação a novas tecnologias e isso exigirá massa crítica e presença do profissional *esperto e experto*” (p.12, grifos do autor). Com ela, o autor salienta que, para qualificar uma equipe multidisciplinar atuante em EaD, será necessária a experiência e o conhecimento técnico do “*experto*” e a vivacidade do “*esperto*”. Castro afirma que, no sentido de qualificar os cursos de graduação em EaD da Metodista, a Instituição decidiu elaborar diretrizes para tratar da construção ou revisão dos projetos pedagógicos. Para o autor, a prática reflexiva altera a teoria, e documentos acadêmicos precisam ser receptivos a novos desafios do cotidiano, e, por assim ser, o material já sofreu alterações. Atribui às novas políticas governamentais, como o ProUni, e ao esforço de instituições de ensino superior (IES’s), como a Metodista, a alteração, ainda que aos poucos, da realidade do ensino superior no Brasil, que tem um dos piores índices para jovens (entre 18 e 24 anos), entre os países em desenvolvimento (p.16). Outras IES’s devem seguir o exemplo da Universidade Metodista, que, preocupada com a formação docente para atuar na EaD, criou o Centro de Educação Continuada a Distância (CEAD). Essa é uma condição básica para o sucesso de projetos em EaD, uma vez que, na modalidade, não é suficiente ser-se um grande conhecedor de conteúdos, ou um grande técnico em informática, ou um especialista em diversas tecnologias. É preciso ser um educador em toda sua amplitude.

Em *Projetos pedagógicos em EaD – da concepção à prática diferenciada*, de Adriana Barroso de Azevedo, percebe-se a comunhão da autora com o pensamento expresso acima, quando destaca o papel do professor e do aluno em um contexto no qual a aprendizagem deve promover modificações contínuas em ambos.

Há uma excelente explanação sobre projetos pedagógicos dos cursos superiores que, além de serem uma exigência legal, representam um instrumento no qual são registradas estratégias pedagógico-administrativas a fim de que se efetive o planejado para os cursos e as características de seus egressos. A autora afirma que “deve existir nas instituições de ensino e principalmente nos docentes o desejo de inovação, sem o qual nenhum projeto que envolva tecnologias e mais especificamente a educação a distância obterá sucesso” (p.31). Azevedo conclui seu pensamento com uma citação de Aretio, para quem um projeto de ação pedagógica “[...] caracteriza-se pela ousadia da busca, da pesquisa e da transformação. O ensino a distância pela própria estrutura e objetivos, oferece condições para que o adulto possa aprender aquilo que pessoalmente lhe interessa e responde a suas necessidades, resultando em uma vida mais satisfatória e cheia de sentido” (p.43).

Urgência em combater a pobreza, estimular o desenvolvimento humano e fortalecer a cidadania motivou Luciano Sathler a escrever seu capítulo *Educação e Tecnologia: espaço de fortalecimento da ação docente*. Para o autor, invariavelmente fracassam projetos educativos que foquem a tecnologia em detrimento das pessoas, pois ela nunca substituirá o professor, cada vez mais essencial ao processo aprendizagem. Sathler aponta e comenta obstáculos destacados pela Unesco que preocupam os que se relacionam com as organizações educacionais, tais como custos dos equipamentos, resistência dos educadores, falta de capacitação dos professores, baixa confiabilidade dos *hardwares* e *softwares* e a estrutura rígida do sistema educacional clássico (p.51). O autor discute, também, atuação docente, suporte institucional e desenvolvimento profissional docente, manifestando grande preocupação com a pessoa como centro do processo, o que é uma característica de sua escrita. Nesse sentido, conclui afirmando que “Trata-se de um novo tempo a exigir outros caminhos para a mesma direção: a dignidade humana” (p. 69).

Em *Confeccionando um percurso: avaliação e estética na formação de educadores e educadoras*, Marta Regina Paulo da Silva descreve uma ação pedagógica realizada na Metodista tendo como proposta romper com a disciplinaridade e assumir um caráter interdisciplinar, considerando, conforme concepção de Apple (1999), todas as

dimensões do processo educativo: técnica, política, ética e estética. A proposta consistiu na elaboração de uma nova organização curricular, a modular, no curso de Pedagogia a distância, articulando, no módulo, as diferentes áreas do conhecimento e o trabalho com a diversidade. A ênfase inicial foi dada ao módulo *Educação Brasileira: construindo olhares a partir dos fundamentos*, cuja proposta foi construída por muitas e diferentes mãos, a exemplo da confecção de uma colcha de retalhos. A autora descreve a experiência “por retalhos”, em vez de segmentá-la em subtítulos – primeiro retalho, segundo retalho... –, e nomeia suas considerações finais como *Costurando os Retalhos* (p.86) e as referências bibliográficas, como *Outros tantos retalhos: referências bibliográficas* (p.88). O capítulo teria sua leitura mais leve e agradável se fossem omitidos os constantes marcadores de gênero (“educandos/as; os/as professores/as; educadores/as...”) o que não chega a comprometer o trabalho.

No capítulo *O papel do professor tutor no Campus EaD Metodista*, como o próprio título sugere, Marcos Munhoz da Costa enfoca o papel do professor-tutor no processo educativo, modalidade a distância, da Universidade Metodista de São Paulo. O autor traça um panorama do funcionamento administrativo-pedagógico e uma comparação entre os papéis de outros atores do cenário da EaD, como professor-autor e monitor, para, então, abordar efetivamente seu objetivo. Enumera as diversas atribuições que constituem as atividades do professor-tutor, classificando-as, dando ao leitor a exata dimensão do papel do tutor, de maneira a diferenciá-lo dos demais atores e a ressaltar, também, a importância destes no processo, que deve ser altamente interativo e colaborativo.

Fábio Botelho Josgriberg, no capítulo *Produção colaborativa em rede, direito autoral e a socialização do conhecimento nas universidades*, analisa a problemática dos direitos autorais de produções em um panorama virtual, no qual a socialização é característica básica. O acesso à cultura passa por questões éticas e morais, e o autor, relacionando-se a esses aspectos, cita a Declaração dos Direitos Humanos, em cujo artigo XXVII lê-se: “Toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”. Em contrapartida, a Declaração dispõe que: “todo o homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais

decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor” (p.111). O autor faz ainda referências ao *Creative Commons* (CC), que oferece opções flexíveis de licenças, e ao projeto *Arkheia*, da Universidade Metodista de São Paulo, que socializa conteúdos acadêmicos, tendo por objetivo organizar, de forma pública e acessível, a produção multimídia para cursos e disciplinas oferecidos pela Metodista na EaD, por meio do seu portal em <http://www.metodista.br/arkheia>.

Em *Filosofia do ensino a distância: reflexão a partir da prática*, Daniel Pansarelli apropria-se da filosofia de Paul Ricoeur para definir, com muita propriedade, o movimento dos papéis do docente, do texto escrito e do discente, no que se refere à autoria e autonomia, descrevendo a alternância de posições. Consegue, de maneira brilhante, remeter-nos à idéia de que o texto, depois de produzido por seu autor, cuja produção já caracteriza sua autonomia, liberta-se e, ao fazê-lo, passa a ser do mundo, assumindo suas próprias características e autonomia, fazendo a vez do *mediador* da autonomia do discente que, ao interpretá-lo, o recontextualiza e cria uma nova obra, passando, então, de intérprete a autor. Pansarelli caracteriza, dessa maneira, três fases da autonomia: a do autor, a do texto escrito liberto de seu autor e a do discente, ao transportar-se de intérprete a produtor de uma nova obra. Embora todo esse movimento se faça acontecer, o autor observa, baseado em Ricoeur (1986), que não existe ausência total de relacionamento entre as pessoas. Existe, sim, uma interlocução que acontece mais facilmente por meio de obras do que face a face, quando pode haver, por parte do interlocutor, certa inibição em frente ao autor. Nesse ponto de vista, para Pansarelli, “a ausência parcial do *face a face* é o elemento que garante ao discente a possibilidade de autonomia, sem que seja imediatamente corrigido, caso sua interpretação seja incorreta [...]” (p.132). Ainda segundo o autor, a capacidade intelectual criativa de docentes e discentes é uma das principais contribuições da EaD no processo educativo.

Marketing e EaD é o binômio examinado por Paulo Roberto Salles Garcia em seu capítulo *Desafios de comunicação e marketing no contexto de EaD*. Garcia faz um interessante relato da origem do termo EaD e de sua evolução no Brasil em ofertas de cursos, número de IES's e total de alunos matriculados, baseado em dados oficiais de 2005 (p.143). O autor destaca três aspectos da EaD que

devem ser considerados, a saber: democratização do acesso à educação, flexibilidade oferecida e possibilidades e potencialidades oriundas das novas TIC's. Segundo Garcia, embora o público-alvo preferencial da EaD sejam os alunos, ela não se resume a um público, mas a *públicos*. Para o autor, merecem atenção, além daqueles, os *stakeholders*, definidos como "[...] todas as pessoas que possuem interesse em relação às empresas, ou organizações: acionistas, o governo, os consumidores e os grupos ativistas de consumidores, funcionários, as comunidades representativas e a mídia" (p.152). Acena com algumas possibilidades possíveis de colaboração do *marketing* para a modalidade e relata uma experiência, ligada ao tema, ocorrida na Universidade Metodista.

A qualidade dos textos, sua fundamentação, bem como a importância do que informam sobre a EaD, como parte fundamental do processo educativo, impedem de resumir, além do aqui resumido, essa obra, sob pena de privar a quem se interesse pelo tema de falas importantes que serão encontradas no livro aqui resenhado. A contribuição, não só para a EaD, mas para a Educação como um todo, é diretamente proporcional à qualificação e ao *status* dos autores. Certamente, é uma obra a ser consultada por quem pretenda ingressar nos domínios da EaD.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Org. Aparecida Lino Paulikonis e Ida Lúcia Machado. Coord. da equipe de tradução: Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

Resenhado por Sabrine Amaral MARTINS

A mais recente publicação a respeito da teoria do discurso de Patrick Charaudeau é o livro *Linguagem e Discurso: modos de organização*. Organizada pelas pesquisadoras Aparecida Lino Paulikonis e Ida Lúcia Machado, ambas possuindo um extenso currículo relacionado à área de Análise de Discurso (AD) de base francesa, a obra, editada pela Contexto, compila a teoria do renomado especialista, de forma clara e com exemplos transpostos para a realidade brasileira.

Patrick Charaudeau, diretor-fundador do CAD (Centro de Análise do Discurso) e professor doutor de Ciências da Linguagem na Universidade Paris Nord, é reconhecido internacionalmente por seu trabalho em Análise do Discurso. Entre suas obras, destacam-se as traduzidas no Brasil: *Discurso das Mídias*, *Discurso Político* e *Dicionário de Análise do Discurso* (esta em co-autoria com Dominique Maingueneau).

Destaca-se que as organizadoras de *Linguagem e Discurso* reúnem os principais aspectos do pensamento complexo de Charaudeau, possibilitando assim a oportunidade de conhecer melhor a teoria. Faz-se necessário também atribuir o devido mérito à equipe de tradução, constituída por Angela Maria da Silva Corrêa, Emília Mendes, Lilian Manes de Oliveira, Lúcia Helena Martins Gouvêa, Marcio Venicio Barbosa, Norma Cristina Guimarães Braga e Rosane Santos Mauro Monnerat e coordenada por Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado, pesquisadoras e professoras da área.

A reunião da teoria em apenas uma obra transcende as expectativas do leitor, principalmente no prefácio do livro. O próprio pensador francês enfoca, embora muito brevemente, uma importante reflexão sobre a linguagem e o ser humano. Escreve Charaudeau que “A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem”. O autor segue reconhecendo que a obra em pauta constitui um trabalho de adaptação sério e realizado com o intuito de permitir que o público brasileiro amante da linguagem analise as propriedades típicas do discurso propagado em nossa sociedade.

Na apresentação do livro, as organizadoras salientam que um dos objetivos mais eminentes do empreendimento é proporcionar o acesso à teoria Semiolingüística. Em segundo plano, porém não menos relevante, a finalidade é mostrar como Charaudeau concebe o ato de linguagem como um fenômeno da comunicação. Seguindo esses postulados, as pesquisadoras dividem o livro em duas partes: *Uma problemática semiolingüística do estudo do discurso* e *Os modos de organização do discurso*.

A enxuta primeira parte é organizada em três seções: *Problemas de abordagem na análise do discurso*, *O signo entre o sentido de língua e o sentido de discurso* e *O ato de linguagem como encenação*. Estas, por sua vez, são segmentadas em três tópicos ou mais. Nessa

parte inicial, são enfatizadas, em primeira instância, duas abordagens lingüísticas, a concepção de que o objeto é algo transparente, uma atividade de abstração, e a outra que vê esse mesmo objeto como não-transparente. Além disso, ressaltam-se o projeto semiolingüístico e seus conceitos principais, como, por exemplo, o conceito de signo, comunicação e competência linguageira, bem como uma possibilidade de análise de texto via atos de linguagem.

Na segunda seção da parte inicial, as dimensões explícita e implícita do fenômeno linguageiro ganham ênfase. Apresentando, nesse meio tempo, definições bastante detalhadas e elucidadas até mesmo por meio de equações e esquemas, as organizadoras abordam, de forma didática e resumida, conceitos com vasto grau de complexidade, como o de núcleo metadiscursivo e circunstâncias de discurso.

Ao iniciar a última seção da primeira parte, é imprescindível ressaltar que o ato de linguagem, na encenação, é visto como um encontro dialético entre os processos de produção e interpretação. Em seguida, são definidos, de modo primoroso e preciso, os quatro sujeitos da linguagem: destinatário, interpretante, enunciador e comunicante. Ao analisar-se um ato de linguagem, não se poderá ter a pretensão de captar a totalidade da intenção do sujeito comunicante, todavia, para esse mesmo ato de linguagem, faz-se necessário verificar quem o texto faz falar, surgindo, assim, os possíveis interpretativos e, ainda, dando margem a uma perspectiva semiolingüística.

A segunda parte da obra é dedicada à organização do discurso, parte fundamental da análise semiolingüística. Essa parte encontra-se organizada em cinco seções: *Princípios de organização do discurso*, *Modo de organização enunciativo*, *Modo de organização descritivo*, *Modo de organização narrativo* e *Modo de organização argumentativo*. Para fins didáticos, nesta resenha são detalhadas apenas as duas primeiras seções, cada uma delas se subdividindo em três ou mais tópicos.

Em *Princípios de organização do discurso*, o foco é a comunicação, como se pode observar na questão levantada: "O que é comunicar?" (p.67). Para responder a essa pergunta, as organizadoras apresentam o dispositivo representativo do ato de comunicação, cuja composição é: a situação de comunicação, os modos de organização do discurso,

a língua e o texto. Dessa forma, explicam que “comunicar é proceder a uma encenação” (p.68). Justificando o conjunto da teoria, há uma descrição concisa dos modos de organização do discurso, em que as pesquisadoras argumentam a importância da finalidade discursiva do projeto de fala do locutor e um princípio de organização duplo, que se constitui da organização do mundo referencial e de sua encenação. Para finalizar, trabalham com encenação discursiva e gêneros, tendo como objeto de reflexão os sujeitos da comunicação, os textos e os gêneros.

Na seção posterior, *Modo de organização enunciativo*, as professoras são taxativas: o foco está nos protagonistas, nos seres de fala, internos à linguagem. Após explicarem que enunciar consiste em organizar as categorias da língua, as autoras atêm-se aos procedimentos dessa construção enunciativa, destacando duas instâncias: lingüísticas e discursivas. Para fins de ilustração, os procedimentos lingüísticos contemplam interpelação, injunção, autorização, sugestão, apreciação, possibilidade, proclamação, asserção, promessa. Os procedimentos discursivos são explanados ao longo das outras seções, visto que se trata das encenações descritiva, narrativa e argumentativa, correspondendo paralelamente aos efeitos de saber, de realidade/ficção, de confiança e de gênero, nos modos de implicar o destinatário leitor, de intervenção do narrador, nos estatutos e pontos de vista dele e, por último, na posição do sujeito e nos valores dados aos argumentos.

As três seções seguintes apresentam uma metodologia semelhante. *A priori*, as organizadoras do livro dispõem de uma proposta crítica, problematizando como os modos de organização têm sido abordados por livros didáticos e professores de Língua Portuguesa. Com o propósito de ressaltar como esses modos são trabalhados, as autoras apresentam uma definição para eles e também lhes atribuem uma função. A partir disso, definem-se os componentes dos modos e, mediante alguns exemplos, eles são devidamente esclarecidos. Sobressaem-se os exemplos extraídos de jornais, livros didáticos e textos literários canônicos, não-canônicos e os oriundos da internet. Logo após, tem-se a encenação, procedimento discursivo mencionado em alguns tópicos anteriores. No término da última seção, encontra-se um texto transcrito de

uma conferência realizada em Frankfurt, cujo objetivo é a utilização dos procedimentos estudados.

Considerando as observações precedentes, é válido destacar que o trabalho em foco enriquece a área da Análise de Discurso, bem como propaga os estudos sobre a teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau. Dessa maneira, o livro é direcionado não apenas aos estudiosos da linguagem, mas também àqueles curiosos que almejem descobrir os fabulosos segredos da comunicação. Em suas 256 páginas, a obra cumpre a tarefa a que se propõe, a de esclarecer a teoria de Charaudeau e de divulgar um trabalho direcionado à sociedade brasileira; trata-se, portanto, de um livro que todo lingüista deve ler e possuir em sua biblioteca.